

## Métodos de Entrevista e Reportagem na Produção do Jornal-Mural Resistência<sup>1</sup>

Beatriz Nedel Mendes de AGUIAR<sup>2</sup>

Ricardo BARRETO<sup>3</sup>,

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC

### RESUMO

Este artigo destina-se à explicação dos métodos de produção do jornal-mural *Resistência*, produzido como requisito para a aprovação final na disciplina de Edição, ministrada pelo professor Ricardo Barreto durante o segundo semestre de 2012, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Produzido com base no livro *Memórias do esquecimento – Os segredos dos porões da ditadura* (Record, 302 p.), o jornal-mural conta com uma entrevista com o autor do livro, o jornalista Flávio Tavares, um dos 15 presos políticos extraditados em troca da liberação do embaixador norte-americano Charles Elbrick, em 1969. Além disso, também apresenta mais cinco matérias referentes ao tema da ditadura militar, que possibilitaram, em sua produção pedagógica, a aplicação dos métodos de apuração, redação e de entrevista.

**PALAVRAS CHAVE:** jornalismo; entrevista; reportagem; jornal-mural; ditadura;

### 1. INTRODUÇÃO

O jornal-mural é um instrumento eficiente para a comunicação, mas deve contar com uma construção visual que se utilize de fotos, ilustrações e recursos gráficos para melhor cativar a atenção do público. Aplicado frequentemente na comunicação institucional – em que pode ser confundido com um quadro de avisos – o jornal-mural é um instrumento para a comunicação imediata, podendo disseminar notícias de cunho cultural, político, econômico, literário e de utilidade pública (FRANÇA, 1988). No caso do jornal-mural *Resistência*, o material foi apresentado como peça única, não periódica e informativa, levando em conta o tema da ditadura militar e tendo em vista o público acadêmico em geral.

Produzido como pré-requisito para a aprovação na disciplina de Edição do segundo semestre de 2012, do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e sob a supervisão do professor Ricardo Barreto, o jornal-mural deveria ser baseado em um livro, escolhido pelo aluno a partir de uma lista com diversos exemplares. O jornal-mural *Resistência* foi produzido com base no livro *Memórias do esquecimento – Os segredos dos porões da ditadura* (Record, 302 p.), de Flávio Tavares, um dos 15 presos políticos extraditados em troca da liberação do embaixador norte-americano Charles

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal Mural Avulso.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: [beatriznedel@gmail.com](mailto:beatriznedel@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSC, email: [blue@cce.ufsc.br](mailto:blue@cce.ufsc.br).

Elbrick, em 1969. O jornal-mural produzido para a disciplina deveria conter obrigatoriamente uma resenha crítica sobre o livro escolhido, uma entrevista com um personagem de relevância no tema e de 5 a 7 matérias temáticas. A entrevista foi realizada com o jornalista Flávio Tavares, que se disponibilizou a responder perguntas sobre os tempos de tortura na ditadura militar.

## **2 OBJETIVO**

O jornal-mural *Resistência* tinha como objetivo didático o exercício da edição, praticada ao longo do semestre por meio de atividades de texto. Orientados pelo professor Ricardo Barreto, a cada aula os estudantes recebiam uma matéria de jornais de grande circulação para criar, a partir disso, manchetes, títulos, olhos ou linhas-finas que melhor correspondessem às originais. Para aplicar os métodos desenvolvidos, os estudantes deveriam produzir, ao final da disciplina de Edição, um jornal-mural que apresentasse reportagens, notícias, diagramação e edição de sua própria autoria. Cada aluno estaria encarregado de entrar em contato com as respectivas fontes para a entrevista, de acordo com o tema escolhido.

Desta forma, além de exercitar a escolha das palavras (ou a exclusão delas nos textos), os alunos foram incentivados a pensarem também no projeto gráfico do jornal-mural, que deveria ser atraente e cativar o público a que se destinava. Aprendeu-se, assim, a distribuir as matérias de maior relevância no topo da página, na esquerda – caso a página fosse par – ou na direita – caso fosse ímpar. A posição das fotos e o seu tamanho também foram estudados previamente, para que o jornal-mural tivesse uma composição harmoniosa e graficamente atraente. Sendo o jornal-mural um formato que geralmente é lido de pé<sup>4</sup>, ou que não pode ser manuseado para uma leitura mais confortável, coube ao aluno pensar na tipografia a ser utilizada e na identidade gráfica do projeto.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O jornal-mural, por ser uma mídia dirigida a um público específico – no caso de *Resistência*, ao público universitário – implica na discussão de um tema relevante, em especial a temática da ditadura militar, restaurada no final de 2012 com a divulgação de

---

<sup>4</sup> É uma tradição do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina expor nas paredes os jornais-murais produzidos na disciplina de Edição durante a Semana de Jornalismo, que ocorre no fim do ano.

documentos que comprovam o envolvimento do Brasil na Operação Condor<sup>5</sup>. Ao mesmo tempo, os estudantes imergiram em grandes obras do jornalismo e desenvolveram seus trabalhos de acordo com as regras de texto, apuração e entrevista jornalística. Assim, o jornal-mural tornou-se uma oportunidade de exercer o jornalismo como investigação, apuração, redação e edição, de forma supervisionada pelo professor, e também acabou inserido no cotidiano dos estudantes do curso de Jornalismo da UFSC.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O jornal-mural começou a ser idealizado em aula, após a escolha do livro que pautaria o tema a ser explorado nos textos. Como regras para a produção dos jornais, o professor Ricardo Barreto determinou que contivessem obrigatoriamente uma resenha crítica, uma entrevista e de cinco a sete matérias ancoradas no tema principal. As pautas foram discutidas a partir do tema da ditadura militar, ponto chave do livro *Memórias do Esquecimento*. Nesse sentido, a discussão da pauta é de extrema importância para o trabalho de edição como um todo:

O primeiro objetivo de uma pauta é planejar a edição. O princípio é que, mesmo que não aconteça nada não previsto em determinado dia (...), o jornal sairá no dia seguinte, os boletins de rádio serão produzidos, as gravações de televisão serão editadas e as equipes das revistas estarão nas ruas (LAGE, 2001, p.35,36).

Desta forma, foram escolhidas pautas que pudessem manter um alto nível informativo, já que o jornal-mural seria publicado somente ao fim do semestre – o que também dificultaria a manutenção de notícias recentes. A exceção foi a notícia “Brasil iniciou Operação Condor”, inserida apenas quatro dias antes da publicação de *Resistência*, devido ao ineditismo e à relevância do assunto. Por isso, ainda que a pauta anterior já tivesse sido finalizada, foi necessário flexibilizar o esquema de pautas para melhor atender ao interesse do público.

O passo seguinte na produção do jornal-mural foi a apuração dos fatos. Com as pautas já discutidas e definidas, a apuração implicava na pesquisa de dados e histórias que corroborassem um texto jornalístico. No entanto, esta não é uma tarefa fácil, pois deve levar

---

<sup>5</sup> A representante da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Rosa Maria Cardoso da Cunha, recebeu de Jair Krishke, em 26/11/12, uma série de documentos que atestavam a participação do Brasil na Operação Condor.

em conta o desafio de encontrar as informações após décadas de discussão sobre o período militar e, ainda, separar as interpretações de fatos. Para Junior (2006, p.70):

No jornalismo, construir sentido é reduzir incertezas. Porque a realidade não pode ser contada aos outros por inteiro, noticiar é selecionar fatos para organizar um sentido. Cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público, sem enganá-lo com a falsa promessa de uma realidade “real”, pronta, acabada. Seu trabalho é ser categórico: um fato ocorreu deste jeito, não de outro.

Colhidos os dados necessários na apuração, o objetivo seguinte foi desenvolver um texto para o público universitário. O trabalho de reportagem não se resume a seguir o roteiro de apuração e pautas, mas também envolve a criatividade do repórter, especialmente em se tratando da angulação do texto (LAGE, 2001, p.35). Em *Resistência*, não se focaram as grandes organizações, governantes ou ditaduras, mas os resilientes - os que foram oprimidos pela ausência de democracia. Tal detalhe também deu origem ao nome do jornal-mural e influenciou no logotipo: um punho fechado, demonstrando luta ou indignação.

Em relação ao texto, *Resistência* conta com diversos estilos, desde resenha até notícia. Para Nilson Lage (2006, p.17), “a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou mais interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou mais interessante”. Tal estrutura foi utilizada em “Brasil iniciou Operação Condor”, pois foi o último texto a ser produzido para o jornal-mural e contava com certo grau de ineditismo no momento da publicação. Embora guardem alguma semelhança, os outros textos não apresentam estrutura de notícia, mas se apropriam de formas de narrativa cronológica ou sintetizada. A preocupação, nesse caso, foi a de tornar acontecimentos históricos em casos menos intrincados e, por consequência, mais fáceis de serem entendidos.

Concluído o trabalho de redação, restava ainda a entrevista, requisito obrigatório para a publicação do jornal-mural. Por indicação do professor Ricardo Barreto, a fonte selecionada para a entrevista foi o jornalista Flávio Tavares, autor do livro guia do jornal-mural *Resistência*. Contatado por e-mail, Tavares logo se dispôs a responder as sete perguntas ancoradas no tema da ditadura militar. A entrevista, além de estabelecer um laço entre leitor e entrevistado, “pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática de informação” (MEDINA, 1986, p.8). No caso de *Resistência*, a entrevista com Flávio Tavares contextualizou o público mais jovem no período de autoritarismo da

história brasileira, que durou de 1964 a 1985, contribuindo também para a humanização dos personagens – sejam militantes, professores, jornalistas ou policiais – presentes em *Memórias do Esquecimento*. A personalização traz consigo o choque entre o objetivo e o subjetivo, o factual e a figura humana:

(...) o domínio do jornalismo é o do real, do aparente e imediato. Mas, ao se tratar do Homem, seja ele personagem ficcional ou fonte de informação, não há como desvincular essa ambiguidade entre o real e o sonho, o objetivo e o subjetivo. Mesmo que se trate de notícia para a sobrevivência imediata (MEDINA, 1989, p.45).

Finalmente, com todos os textos à disposição, a função era a de editar títulos, legendas, olhos, citações e linhas-finas, de modo que cativassem a atenção do leitor na primeira olhada. Para isso, o estudante deveria considerar o formato do jornal-mural, que não é maleável e geralmente implica na leitura de pé, ou de passagem. Com as sugestões do professor Ricardo Barreto ao longo do semestre, os alunos puseram em prática a atividade que contaria definitivamente na avaliação final da disciplina. No caso de *Resistência*, optou-se por títulos com o número exato de caracteres, e que pudessem sintetizar a mensagem de cada texto. Escolhidas minuciosamente, as citações transcrevem na medida do possível o conteúdo da entrevista com Flávio Tavares e o sentido das respostas enviadas.

Assim, com o trabalho de edição concluído, o último passo seria diagramar e ilustrar graficamente o conteúdo produzido ao longo do semestre. Para isso, usaram-se os métodos da disciplina do semestre anterior, *Planejamento Gráfico*<sup>6</sup>, também ministrada por Ricardo Barreto. Após a diagramação e divisão dos textos por relevância, o jornal-mural foi enviado para a gráfica e, assim, publicado.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O *Resistência* é um jornal-mural de duas páginas diagramado em cinco colunas, com o logotipo representando um punho fechado, em branco, na parte superior esquerda da página, e o expediente em uma caixa vermelha e tipografia branca, na parte superior direita. O jornal-mural foi impresso em A3, utilizando papel *couchet* fosco de gramatura média. Tanto o logotipo quanto a diagramação e a escolha das fotos foram realizadas pela autora.

Todos os textos de *Resistência* foram baseados no livro *Memórias do esquecimento – Os segredos dos porões da ditadura* (Record, 302 p.), de Flávio Tavares. A matéria

---

<sup>6</sup> Disciplina ministrada por Ricardo Barreto no primeiro semestre de 2012, em que o objetivo era habilitar os estudantes na diagramação e na criação de projetos gráficos.

principal, “Escritor relembra os tempos de chumbo”, consiste em uma resenha crítica do livro, acompanhada de outras quatro matérias: “Embaixador elogiou seus sequestradores”, “O exército que feria a pátria”, “Guerrilhas afrontam os militares” e “Brasil iniciou Operação Condor”. O último texto é uma entrevista com o jornalista Flávio Tavares, intitulada “O golpe de estado é um crime contra a liberdade”, realizada exclusivamente para o jornal-mural *Resistência*.

As cores vermelho, preto e branco foram escolhidas para conferir harmonia ao trabalho, em contraste com as fotografias em preto e branco – exceto pela figura do livro de Flávio Tavares, utilizada na resenha. Os *box* em cor preta, com bordas arredondadas, foram utilizados nas duas páginas para obter impacto e chamar a atenção do leitor. A cor vermelha vibrante do expediente é utilizada nas capitulares que iniciam as principais matérias de cada página e também nas aspas, aplicadas ao fundo das declarações na entrevista.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Somada aos frequentes exercícios de texto nas aulas de Edição, a produção do jornal-mural pode ser considerada uma das mais válidas experiências jornalísticas da Graduação em Jornalismo. Ao longo do semestre, os alunos devem aprimorar seus métodos de apuração e de redação – revisada diversas vezes até a publicação – além de exercitar a diagramação do conteúdo, a edição de legendas e títulos, a escolha das fotos e da prioridade das matérias, as técnicas de entrevista, a síntese de informações e a leitura de materiais variados sobre o mesmo tema. Ou seja, em termos de aprendizado, a produção do jornal-mural possibilita ao estudante de jornalismo a aplicação de muitos conceitos aprendidos inclusive em outras disciplinas. Para um estudante de graduação, contar com o apoio de colegas e jornalistas renomados na finalização de um produto jornalístico não é apenas revigorante, mas também inspirador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Fábio. **Jornal Mural: Nova e Eficiente Opção**. Disponível em <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/comunicacaodirigida/0059.htm> acessado em 18/04/2012, às 9h09 de 12/04/13.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento** – Os segredos dos porões da ditadura. 5ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2005.

## **ANEXOS**



# RESISTÊNCIA

Florianópolis, 30 de novembro de 2012

## RESISTÊNCIA

Curso de Jornalismo da UFSC  
Atividade da disciplina Edição  
Professor: Ricardo Barreto  
Edição, textos, planejamento e editoração eletrônica:  
Beatriz Nedel Mendes de Aguiar  
Serviços editoriais: Zero Hora, Estádio, Carta Capital  
Colaboração: Pedro Chaves, Rosângela Menezes, Jéssica Sant'Ana  
Impressão: Duplic  
Novembro, 2012

## Escritor relembra os tempos de chumbo

Obra de Flávio Tavares revela experiências vividas nas prisões e na luta contra a repressão do governo

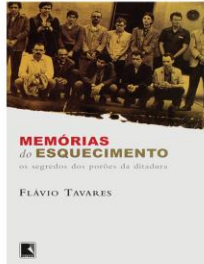
**S** há alguém que pode escrever com propriedade sobre os casos e segredos dos tempos da ditadura militar é o jornalista gaúcho Flávio Tavares. Um dos 15 presos políticos exilados para o México em troca da liberação do embaixador dos Estados Unidos Charles Elbrick – sequestrado por militantes do MR-8 em 1969 – Flávio Tavares retratou suas experiências e traumas da prisão na obra *Memórias do esquecimento* - *Os segredos das porões da ditadura* (Record, 302p.). Vencedor do prêmio Jabuti em 2000 na categoria reportagem, o livro foi ampliado e revisado nesta nova edição, que encerra mais histórias, protagonistas e situações.

A obra é marcada pela crueza das palavras de quem presenciou e sofreu as torturas nas celas do Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI): as cenas de choque elétrico são narradas tão fielmente quanto a memória permite. Aliás, esta é uma das marcas mais fortes da narrativa de *Memórias do esquecimento*, que segue o fluxo irregular e inconstante das lembranças de Flávio Tavares, escrevendo mais de 30 anos depois de todo o ocorri-

do. Mas as experiências nos porões da ditadura deixaram traumas difíceis de se superar, como a tortura aplicada pelos policiais em Flávio Tavares, na sua terceira prisão, em 1969, após o Ato Institucional N° 5. O próprio autor alerta para a rudeza das palavras, mas endossa: “nada foi obra minha”. Os pesadelos, que o perseguiram pelos 10 anos em que ficou no exílio, trazem a angústia e, de certa forma, a paranoia das sessões de choques elétricos pelas quais passou nos meses de sua prisão.

Os tempos de exílio são, por si só, de uma angústia tremenda em *Memórias do esquecimento*. Confinado no México e na Argentina, Flávio Tavares não pôde acompanhar o crescimento da filha Isabela, da qual ficou afastado por dez anos e dois meses. A obra é eficaz em transmitir a sensação de afastamento e tristeza de um pai que só possui fotos e cartas para se lembrar da filha. São muitas as memórias do esquecimento, mas poucas as que tanto entristecem.

Guiado pela narrativa imprevisível, o jornalista trata de ilustrar o episódio do sequestro do embaixador americano, que culminou na sua liberdade e exílio para o México em 1969. Volta alguns anos, no entanto,



Livro ganhou Prêmio Jabuti em 2000

para descrever o início de tudo, às vésperas do golpe militar, quando já se pressentia uma grande mudança em Brasília. Assim que João Goulart deixou o Planalto para se refugiar no Rio Grande do Sul, em 1964, abriu-se margem para o golpe de Estado e a implantação da ditadura às caras, sem qualquer pudor.

Flávio Tavares se embrenha, então, na narrativa do período militar, suas ironias e medos – como os mendigos que misteriosamente haviam sumido das ruas do Rio de Janeiro. Se nem mesmo os sem-teto habitam as ruas, que dizer dos ou-

tros? Descrevem-se os focos guerrilheiros contra o regime militar, iniciados no Brasil e comandados por Leonel Brizola, do Uruguai, onde se mantinha em exílio. É aqui que se mergulha no idealismo dos jovens que, em 1965 e sempre, queriam mudar o mundo. Eram os tempos de revolução cubana, do Black Power, do povo vietnamita se erguendo contra os Estados Unidos, maior potência militar do mundo. Era também o momento de se provar que havia saída para a repressão da ditadura e que se alcançaria a democracia. Para tanto, ex-militares e civis se embrenhavam na selva, resistiam ao sertão árido e sobreviviam com água do caule de cipós. A nós, hoje, soa como um gesto romântico. “Era impossível, no entanto, perceber isso antecipadamente, com os olhos da época”, frisa Flávio Tavares. Os derrotados militantes, na realidade, levaram a vitória de terem se erguido contra a repressão.

Contam-se casos da ditadura militar na Argentina, instaurada em 1966, e os desaparecimentos misteriosos dos brasileiros exilados. O medo não termina, mas se afirma quando Flávio Tavares é sequestrado por militares da repressão no Uruguai, em 1977. A experiência

de passar por um interrogatório estando vendado, algemado e desorientado é marcante, bem como o momento em que Flávio Tavares teve que andar em meio aos tiros de seu próprio fuzilamento. Foi a morte, mas não a verdadeira. Discutindo sobre a execução do preso, os militares mandaram que voltasse, mas a brincadeira se repetiu ainda mais uma vez, num sadismo típico da ditadura na América do Sul.

O homem que devia ter morrido naquela noite de 1977, e em tantas outras, reaparece para retratar aquilo que nunca esqueceu. Os colegas de militância e jornalismo, que tiveram fins distintos nos tempos de repressão, os familiares e amigos. As memórias são muitas, marcadas por um olhar que, de hoje, vislumbra os gestos do passado. O fim, no entanto, se pronuncia no início, antes mesmo do golpe militar, quando Flávio Tavares pôde encontrar o revolucionário Ernesto Che Guevara em uma palestra no Uruguai. “Conheci, então, um homem que não se extasiava com a vitória, e não confiava no poder”, completa Tavares. A cena bem podia ser um prelúdio para o que viria após 1964, e para as lutas que se travariam na geração que foi fiel a Che Guevara.

## Embaixador elogiou seus sequestradores

“Grupos revolucionários detiveram hoje o sr. Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado”. Assim começava a carta-protesto lida em rede nacional, na noite de 4 de setembro de 1969, em virtude do sequestro do embaixador americano por militantes dos partidos de esquerda Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e Aliança Libertadora Nacional (ALN). O rapto foi articulado com a intenção de exigir a liberdade e o exílio de 15 presos políticos ligados aos movimentos de contestação da ditadura militar no país.

O embaixador foi mantido em uma casa na Rua Barão de Petrópolis, em Santa Teresa, no Rio. Embora não tivesse acesso ao rádio, seus captores acompanhavam as emissoras, na expectativa de receber qualquer notícia sobre os colegas exilados para o México. Durante os quatro dias de cativeiro, Elbrick conversou com os captores sobre os altos índices de corrupção no governo militar, apontou as exigências de propinas dos responsáveis pela construção da ponte Rio-Niterói e admitiu nunca ter ouvido palavra sequer sobre as práticas de torturas aos presos políticos no Brasil. Não poderia saber muito, de fato, já que só se comuni-



Os 15 presos políticos são apenas 13 ao embarcar na Base Militar do Galeão

cava com figuras do governo e empresários ambiciosos. Os militantes procuraram tratá-lo bem: conversavam e faziam perguntas ao diplomata; serviam cafezinhos para aliviar a tensão; tinham as refeições ao lado dele.

No final da tarde de 8 de setembro, os rádios interromperam as transmissões dos jogos no Maracanã e Pacaembu para ler as novas das agências internacionais de notícias: os 15 presos políticos tinham chegado ao México. Na casa da Rua Barão de Petrópolis, Charles Elbrick abraçou cada um dos captores e deixou o local em um carro dirigido por Cláudio Torres da Silva. Embora o mani-

festo especificasse que o embaixador só seria libertado com a divulgação de fotos dos presos exilados no México, as dificuldades em manter o diplomata naquela residência vigiada pelo Cenimar se tornaram muitas. O desfecho do caso circulou pela imprensa internacional, com a foto de Elbrick descendo do táxi em frente à embaixada americana.

Em uma entrevista de imprensa, no dia seguinte à sua libertação, Elbrick agradeceu ao interesse do governo brasileiro em libertá-lo, mas também teceu elogios aos seus captores e admitiu ter sido tratado bem durante o sequestro. Sobre eles, comentou: “São jovens idealistas”.

## O exército que feria a pátria

Com a instauração do Ato Institucional N°5 (AI-5) em 1968, o Congresso Nacional foi fechado por quase um ano, o regime ditatorial assumiu poderes absolutos e abriu-se margem para a realização de torturas nos choques políticos da ditadura. Eram comuns as aplicações de choques elétricos nas mucosas – boca, gengivas, orelhas –, nos órgãos genitais, nos ouvidos e nos braços. A descarga de energia causava queimaduras, convulsões e às vezes o torturado mordida a própria língua. O pau-de-arara, uma das mais antigas formas de tortura no Brasil – usada desde os anos da escravidão – consiste em amarrar o preso nu a 20 centímetros do chão. A posição causava dores extremas, somadas aos choques, pancadas e queimaduras por parte dos torturadores. Além disso, havia espancamentos combinados com outras formas de agressão, como o telefone, em que o agressor dava tapas com a mão em forma de concha nos dois ouvidos da vítima simultaneamente. A técnica poderia resultar em labirintite, no rompimento dos tímpanos e até causar surdez permanente. Entre mais de 100 técnicas de tortura aplicadas na ditadura militar brasileira, uma das mais relatadas é a “cama cirúrgica”: o preso é esticado em uma cama, o que causa o rompimento dos nervos. Por vezes, o método se aliava a torturas, como a extração das unhas. Mas talvez uma das mais brutais formas de tortura, a “coroa de cristo” era um anel metálico que, por meio de um mecanismo, diminuía gradativamente de diâmetro e esmagava o crânio do torturado. Uma das vítimas do método foi Aurora Maria Nascimento Furtado, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) e responsável pela publicação do Jornal Ação. Aurora Maria morreu no dia seguinte à sua prisão, em 9 de novembro de 1979.





# RESISTÊNCIA

Florianópolis, 30 de novembro de 2012

## RESISTÊNCIA

Curso de Jornalismo da UFSC  
Atividade da disciplina Edição  
Professor: Ricardo Barreto  
Edição, textos, planejamento e editoração eletrônica:  
Beatriz Nedel Mendes de Aguiar  
Serviços editoriais: Zero Hora, Estádio, Carta Capital  
Colaboração: Pedro Chaves, Rosângela Menezes, Jéssica Sant'Ana  
Impressão: Duplic  
Novembro, 2012

### Guerrilhas afrontam os militares

Após o golpe militar de 1964, o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) passou a organizar focos guerrilheiros contra a ditadura militar em território brasileiro. Assentados no Brasil Central, na Serra do Caparaó (MG) e no sul do país, os insurgentes tinham Leonel Brizola como comandante político, que, em 1966, permanecia exilado no Uruguai. No Brasil Central, as dificuldades eram imensas: de um lado, o sertão árido propiciava um ótimo refúgio, mas não havia água ou alimento; do outro, a selva inóspita ameaçava com a malária. Para driblar a sede, os guerrilheiros bebiam água de cipó cortado; quanto à fome, a solução era recorrer aos pequenos macacos da região. O foco se concentrou, então, em Imperatriz, no oeste maranhense, e se expandiu até Marabá, às margens do Rio Tocantins, no Pará. Em Caparaó, o grupo de guerrilheiros era quase todo formado por ex-militares. Além da perseguição policial, os insurgentes tiveram que lidar com a desconfiança de camponeses, dificuldades de sobrevivência no ambiente e divergências internas. Em 1º de abril de 1967, a Polícia Militar mineira emboscou os guerrilheiros, que foram capturados. Mas a queda de Caparaó instaurou dúvidas na já conturbada implantação do foco no Brasil Central, e os planos foram cancelados. Deveriam retirar todas as pessoas do foco guerrilheiro e vender o navio de 12 toneladas que fazia percursos pelo Rio Tocantins. O jornalista Flávio Tavares, responsável pela implantação do foco no Brasil Central, foi preso em agosto de 1967, em Brasília.



Brizola articulava os militantes

de resistência armada à ditadura no Brasil. Anos depois, no exílio, quando saiu do México para a Argentina, convivi por mais de dois anos estreitamente com João Goulart em Buenos Aires, até sua morte em 1976.

## O golpe de estado é um crime contra a liberdade

Torturado e exilado durante a ditadura, Flávio Tavares enxerga um país desajustado

O jornalista gaúcho Flávio Tavares foi um dos 15 presos políticos exilados para o México em troca da libertação do embaixador americano Charles Burke Elbrick, em 1969. Torturado nas prisões no tempo do AI-5 e envolvido com a implantação dos focos guerrilheiros no Brasil de 1965 a 1967, Flávio Tavares narra os tempos de chumbo em seu livro *Memórias do Esquecimento – os segredos dos porões da ditadura*. A obra, resultado de uma longa experiência como jornalista e militante ao longo da ditadura, rendeu elogios do escritor argentino Ernesto Sabato, que definiu Flávio Tavares como o “Novo Dostoiévski”. Em entrevista ao RESISTÊNCIA, Flávio Tavares fala sobre os tempos de repressão e as experiências vividas nas prisões da ditadura militar.

R. - Recentemente, o ex-agente do serviço secreto uruguaio Mario Neira Barreto revelou à imprensa a possibilidade de João Goulart ter sido vítima de agentes da Operação Condor. O sr. acredita que Jango tenha sido envenenado?

F.T. - Não acredito. Esse sujeito era apenas motorista da polícia uruguaia e inventou que foi obrigado a envenenar Jango, mas tudo é manobra. Com isto, quando cumprir a pena por assalto a banco no Rio Grande do Sul, ele busca pedir asilo ao Brasil para não voltar ao Uruguai, onde está condenado por crimes comuns, tal como foi aqui. Jango morreu de enfarte porque bebia muito, fumava mais ainda e comia muita gordura, mesmo sendo cardiaco há anos.

R. - Em seu livro, o sr. também descreve a instauração do foco guerrilheiro no Brasil Central durante a ditadura militar. Qual foi o seu papel nesse processo?

F.T. - Eu era o coordenador do foco guerrilheiro do Movimento Nacionalista Revolucionário no Brasil Central. Brizola era o comandante político e estava exilado no Uruguai.

R. - Em 1961, o sr. teve a oportunidade de conhecer Ernesto Che Guevara em uma conferência no Uruguai. O encontro marcou de alguma forma a sua militância durante a ditadura?

F.T. - O Che Guevara era uma figura fascinante e seu exemplo de doação pessoal marcou minha geração e continua vivo até hoje. Mas minha opção pela resistência democrática foi de ordem moral, mais do que política. Rebelei-me contra a imoralidade em que tinha se transformado o faz-de-conta da política depois do golpe de 1964, todos adulando e lambendo as botas dos militares no poder.

R. - O sr. relata os seus tempos em 1964, 1967 e 1969, esta última após



Flávio Tavares, o novo Dostoiévski

a instauração do AI-5 e o recrutamento das torturas nos presos políticos. De que forma as suas experiências nesse período alteraram as suas convicções pessoais?

F.T. - As experiências ou vivências só fortaleceram minhas convicções, não as alteraram. Conheci o horror da ditadura na própria pele, não como um exercício teórico. Comprei na própria dor a boçalidade e a sanha da direita, treinada e mantida pelo poder político com apoio de grandes empresas e dos Estados Unidos.

R. - O sr. se arrepende de ter participado ativamente da militância contra a ditadura militar no Brasil? Se pudesse, faria algo diferente?

F.T. - Por que iria me arrepender por ter lutado a favor da liberdade? Perguntar se me arrependo é o mesmo que indagar a quem já teve sede e saciou a sede, se voltaria a beber água... Pegamos em armas contra a ditadura. O golpe de Estado é um delito e a ditadura é um crime. Se voltássemos a uma ditadura cega e abjeta, só restaria a rebelião como gesto ético de reação moral.

Mas o ideal político, hoje, deve se buscar e alcançar com idéias políticas, com um projeto nacional para solucionar os desajustes desse país injusto que é o Brasil. O caminho normal é a democracia, o debate, nunca as armas

debate, nunca as armas. De fato, as armas são a aberração menor contra a aberração maior, a ditadura. Mas que não se confunda a cata de votos de agora com a verdadeira democracia, que não é a corrupção do poder de hoje.

### Brasil iniciou Operação Condor

A representante da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Rosa Maria Cardoso da Cunha, recebeu na última segunda-feira (26/11) uma série de documentos secretos que relatam a colaboração das ditaduras da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai na captura e perseguição de dissidentes políticos além-fronteira. O material, apresentado pelo presidente da ONG Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH) Jair Krischke, comprova que o Brasil participou ativamente da rede entre os países da América do Sul, cujo objetivo era reprimir e eliminar opositores das ditaduras nesses países. “O Brasil, definitivamente criou e comandou a Operação Condor. Os documentos que eu trouxe aqui provam”, afirmou Krischke em depoimento a Comissão da Verdade. Na época, no entanto, a rede era chamada de Plano de Busca Externa; o nome Condor só veio a surgir em 1975, embora a troca de informações entre os governos para localizar e eliminar opositores do regime já existisse cinco anos antes. Os documentos, que datam da década de 70, descrevem a captura no Brasil de estrangeiros dos países sul-americanos e listam nomes de argentinos, uruguaios e chilenos perseguidos nos territórios de origem. De acordo com os dados, o Brasil continuou a parceria com a repressão nos outros países até 1984, cinco anos após a lei de Anistia. O ativista Jair Krischke espera que os documentos contribuam para o reconhecimento público dos autores

Krischke espera que os torturadores respondam pelos crimes cometidos



dos crimes de violação dos direitos humanos, praticados por agentes públicos durante a ditadura militar. “E preciso apresentar os nomes e aqueles que estão vivos devem responder pelos seus atos de covardia”, afirma ele. Para Rosa Maria Cardoso, os 205 documentos resgatados vão contribuir para confirmar a história do período. “Nós vamos caracterizar a operação, levantando questões factuais e evidências também. Vamos anexar no nosso relatório final a comprovação do que estamos dizendo”, finaliza.

RESISTÊNCIA - O livro *Memórias do Esquecimento* foi publicado em 1999, no 30º aniversário do sequestro do embaixador americano. O que o levou a romper o silêncio e escrever sobre as suas experiências no período da ditadura militar?

F.T. - Tive de amainar a angústia da tortura e vencer o rancor do sofrimento para poder escrever. Tive que decantar o choque elétrico que me levava ao silêncio. Tive que decantar o passado para poder contar tudo cruamente, mas sem ferir. E isto leva tempo! O livro significou também minha libertação interior. Foi por isto que o Ernesto Sabato (escritor argentino) me chamou de “novo Dostoiévski”.

R. - Em 1965, tanto Leonel Brizola quanto o ex-presidente João Goulart permaneceram exilados no Uruguai. Qual era a sua relação com os dois?

F.T. - Visitei os dois no Uruguai, aonde fui um dezena de vezes para conspirar com Brizola nas tentativas

Tive de amainar a angústia da tortura para escrever

ferência no Uruguai. O encontro marcou de alguma forma a sua militância durante a ditadura?

O caminho normal é a democracia, o debate, nunca as armas

“Tínhamos deixado a alma no Brasil, mas lá não podíamos pôr os pés”

Flávio Tavares

1 - B